

David Mestre

Conteúdo

AUTORETRATO.....	1
OBSCURA PAUTA.....	1
OBRA CEGA.....	1
LUZ DE JADE	2
PHOTOMATON.....	2
LACÓNICO DA RUA DA MAIANGA	2
NADA DE NADA	3
PEGADAS DE PRATA	3
Blues.....	3
Espera	4
O sol nasce a Oriente	4
Breve nota biográfica.....	5

AUTORETRATO

Nada sei
e o que presumo
emudeceu
de perfeição

OBSCURA PAUTA

Obscura pauta
entre as mandíbulas
oro

sentindo a estepe
na planta
dos pés

OBRA CEGA

Escrito a cal
este reboco
Obra Cega
de merda

seca e sal

Boa noite
Anjo Azul
olhar
com menino
por trás Só

a dor imita
o cursivo oculto
da adaga
tinta
de sonhos

LUZ DE JADE

Em diferido
noutra álgebra
uma sombra
alojou o coração

anfíbia filigrana
d'água rosada
ânfora ausente
luz de jade

suspeita se

PHOTOMATON

De frauta
o assovio
e

o indício
de asas
no dorso

sobes de
século não
de bastardo

LACÓNICO DA RUA DA MAIANGA

Passei na Rua

da Maianga

a ver se
a via

havia
não

NADA DE NADA

Um arrepio
em destroços

lambeu
a eternidade

dos quintais
pequenos das

casas baixas
dos Coqueiros

à Fortaleza
já se não

passa nada
de nada

PEGADAS DE PRATA

Esquivas minhas
sandálias pardas

cavo com elas
pegadas de prata

(de *Obra Cega*. Procurei manter o mais próximo possível do livro os recursos gráficos usados)

Blues

Tua voz desliza como um pássaro aberto na lâmina do dia
ilha que se levanta e voa a partir do Sol
lamento gritado da floresta por sua gazela perdida
choro grande do vento nas montanhas
ao nascimento de um escravo mais na história do vale

Tua voz vem de dentro da cidade
de todas as ruas bairros e leitos da cidade onde houver
um calor de pernas
contar o silêncio das horas guardadas a soco no sarilho
dos ventres
com um jazzman a assobiar na escuridão dos pares
a memória ácida do chicote
nos porões do Mundo

Espera

Existo acento de palavra, carapinha
recordação áspera de monandengue,
mapa de conversas na visita da lua,
grávida luena sentada no verso da fome.

aqui esqueço África, permaneço
rente ao tiroteio dialecto das mulheres
negras, pasmadas na superfície do medo
que bate oblíquo no quimbo quebrado.

num gabinete da Europa, dois geógrafos
vão assinalar a estranha posição
dum poeta cruzado na esperança morosa
das palavras africanas aguardarem acento.

(Crónica do Ghetto – tirado do sítio SanzaAngola)

O sol nasce a Oriente

(a partir de um quadro de Malangatana)

Povo, de ti canto o movimento
teu nome, canção feita de fronteiras
lua nova, javite ou lança
tua hora, quissange em trança

Do longo longe do tempo
arde minha flecha, meu lamento
minha bandeira de outro vento
aurora urdida nos lábios de Zumbi

De ti guardo o gesto
as conversas leves das árvores
a fala sabia das aves
o dialeto novo do silêncio
e as pedras, as palavras do medo
os olhos falantes da mata
quando a onça posta a sua arte
nos fita, guardada em sua mágoa.

De ti amo a denuncia felina
das tuas mãos quebradas ao presente
a dança prometida do sol
nascer um dia a Oriente

Breve nota biográfica

Nascido Luís Filipe Guimarães da Mota Veiga, o autor começou a ser mais conhecido por David Mestre após publicação do seu segundo livro «Crónicas do Ghetto» (1972). Veio ao mundo em Loures, Portugal, a 3 de Agosto de 1948. Foi para Angola com apenas oito meses de idade e viria a falecer em Almada (Portugal), no Hospital Garcia da Orta, vítima de um acidente vascular cerebral, dois meses antes de fazer 50 anos. Trabalhava então como jornalista em Lisboa e residia na Charneca da Caparica, depois de se ter afastado de Angola.

Trabalhou como jornalista e crítico literário em vários jornais e revistas de Angola, do Brasil, de Portugal e de outros países. Coordenou diversas páginas literárias e era também declamador. Foi director do «Jornal de Angola» em 1991-1992. Praticou principalmente a poesia lírica mas foi também crítico e cronista literário de relevo, para além de ficcionista. Era membro da União dos Escritores Angolanos e foi o representante em Luanda da Associação Internacional de Críticos Literários. Fundou e dirigiu em 1971 o grupo «Poesias – Hoje». Organizou para a UEA as obras poéticas definitivas de Aires de Almeida Santos e Ernesto Lara, filho. A sua obra está traduzida em várias línguas.

Bibliografia:

Kir-Nan, Luanda, 1967 (provavelmente edição do autor – livro que o próprio considerava prematuro).

Dizer País, Nova Lisboa, Publicações Luanda, 1975 – livro que o mesmo não incluiu nas suas bibliografias, mas que é indicado em algumas fontes, como por exemplo no sítio *SanzalAngola*.

Crónica do Gueto, Lobito, Cadernos Capricórnio, 1973 (poemas escritos em 1972-1973, que o autor considerava o início da sua carreira como poeta).

Do Canto à Idade Coimbra, Centelha, 1977.

Nas Barbas do Bando Lisboa, Ulmeiro, 1985.

Nem Tudo é Poesia, Luanda, UEA, 1987 (2.ª ed., rev. e aum., 1989).

Subscrito a Giz: 60 poemas escolhidos (1972-1994), Lisboa, IN-CM, 1996 (Escritores dos Países de Língua Portuguesa, 12 – livro que o autor pretendia que fosse a selecção definitiva dos versos que ele queria que “ficassem”).

Lusografias Crioulas, Évora, Pendor, 1997 (a sua última obra).

*

(organizado por Francisco Soares)